

A DISLEXIA NO PROCESSO DA CONSTRUÇÃO DA LEITURA E ESCRITA.

Anderson Alves Da Silva; Noaldo Cardozo Dias; Severino Félix Coutinho Júnior.

Universidade Estadual Da Paraíba, anderson.mogeiro01@yahoo.com

Resumo: O presente artigo tem por finalidade discutir a dislexia como um dos sérios problemas dentro do sistema de ensino-aprendizagem que interfere a capacidade de leitura, de entendimento das palavras, da escrita, a soletração, bem como a compreensão e interpretação de textos e de atividades que envolvem o raciocínio lógico. Justifica-se o presente estudo no sentido de divulgar as elucidações que estão presentes no segmento educacional, e, como objetivo central descrever a dislexia, sintomas, causas, diagnósticos e as possibilidades de intervenções pelos profissionais da educação. A escola como responsável pelo desenvolvimento das potencialidades educativas das crianças deve ter em seu quadro de docentes e equipe pedagógica, profissionais capacitados para que a dislexia e a dificuldade de aprendizagem sejam diagnosticado o mais cedo possível e serem encaminhados para um tratamento com profissionais especializados e tomar iniciativas que propiciem atividades pedagógicas que vá ao encontro do aluno disléxico. Todo processo e todo procedimento escolar é conduzir o aluno com dislexia a vencer as barreiras, onde o professor deverá ter uma postura de acolhimento, de paciência, tolerância, perseverança e programas educativos específicos de apoio e auxílio no desenvolvimento desta criança. O presente trabalho foi de cunho bibliográfico que contou com pesquisas em trabalhos acadêmicos e de autores com profundos conhecimentos sobre o tema proposto.

Palavras-chave: Dislexia, Dificuldade de Aprendizagem, Distúrbios, Leitura, Escrita.

1. INTRODUÇÃO

A escolha da temática fundamenta-se na percepção de que é muito pouco disseminado o estudo da dislexia na formação dos professores de um modo geral.

O presente trabalho propõe como objetivo central buscar informações e contribuições que estejam correlacionadas com as dificuldades de escrita e de leitura que apresentam no desenvolvimento pessoal e educacional de crianças tidas como portadoras de Dislexia.

Propõe-se também estudar conceitos, definições, características, principais sintomas, identificação dos componentes físicos e intelectuais, seu reconhecimento pela família e educadores, observar quais são as possíveis ações e estratégias de professores, seu papel como educador e facilitador do processo de aprendizagem e os meios de se trabalhar pedagogicamente com uma criança portadora de dislexia.

Parte-se do princípio que a discussão sobre o problema da dislexia é um dos entraves mais proeminentes no cotidiano da sala de aula, onde fica expresso o comprometimento da capacidade da criança em ler, entender as palavras manuscritas ou impressas, de escrever e de soletrar palavras, bem como a compreensão de textos e raciocínio lógico.

Como será visto no decorrer do presente trabalho a dislexia é um distúrbio de aprendizagem que afeta crianças, adolescentes e adultos em diferentes níveis educacionais, dificultando o processo de aquisição de leitura e escrita.

Entende-se que para que haja uma definição de estratégias e de intervenção por parte do professor, é de extrema importância à realização do diagnóstico e da avaliação da dislexia, sendo que a partir de dados específicos o educador dará um encaminhamento mais específico nas atividades apoiadas com ênfase na leitura e na escrita.

Para que haja um enfrentamento deste problema dentro do contexto escolar é necessário que a escola tenha ciência e consciência da sua responsabilidade na análise e na observação para com os alunos que apresentem dificuldades e/ou transtornos no quesito leitura e escrita, e, sendo que ao constatar casos de dislexia como a dificuldade elementar da linguagem, deve ser tratada ainda, por profissionais especializados como médicos, fonoaudiólogos, psicólogos, psicopedagogos e ao mesmo tempo, cabe a escola tomar iniciativas que denotem a construção de metodologias em prol do aluno com dislexia, colaborando com este aluno a superar barreiras através de estratégias eficazes em consonância com a contribuição coletiva da instituição escolar.

Para que haja um atendimento positivo, eficiente e apropriado que propicie o aluno sentir-se capaz, ajustado ao ambiente escolar, a participação da família é de extrema importância, uma vez que é ela, a família, que tem o contato maior com o indivíduo, tendo condições de fornecer

relevantes informações para a preparação do processo tanto de caráter médico como do empreendimento pedagógico.

Tais medidas e prevenções, através de medidas preparatórias e uma postura de enfrentamento, permitira à escola acolher os alunos com dislexia, sem necessariamente modificar os seus projetos pedagógicos curriculares.

Pretende-se que com este estudo sobre as dificuldades de aprendizagem e a dislexia no seu contexto, contribuir para acadêmicos e profissionais que atuam na área da educação e que tem como responsabilidade em informar para a sociedade a importância desta síndrome no contexto cultural que ela produz direta e/ou indiretamente a todos os envolvidos no meio educacional.

O presente estudo foi o de cunho investigativo, na qual se buscou compreender um pouco mais sobre o transtorno da dislexia. Utilizou os recursos da pesquisa bibliográficas baseadas em referenciais teóricos como livros, artigos acadêmicos, trabalhos acadêmicos e Internet que possibilitaram um suporte na construção do proposto.

2. DIFICULDADES NO PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA

Quando nos deparamos na prática pedagógica com alunos que ainda não sabem ler nem escrever mesmo com idade cronológica dita adequada para a leitura, quando todos os esforços foram usados para que o bom desempenho do aluno seja completo e mesmo assim ele não alcança os objetivos dentro de uma turma com a maioria de alunos ditos avançados, vem por fim os questionamentos. Porque ele não aprende? Qual procedimento se deve ter perante este desafio? Quais as causas reais para que o sujeito em questão não aprenda?

A resposta para tais questionamentos sem dúvida não vem de repente, ela virá através de um trabalho de: investigação; identificação e intervenção, mediante as dificuldades que existirão no desenvolvimento da leitura de uma criança. Dificuldades estas consideradas normais dentro de qualquer processo em construção, o que importa é a forma como as mesmas são trabalhadas, não permitindo que o ambiente se torne desestimulante para quem aprende.

Segundo Nunes (1992), a criança entra na escola em meio a um clima de expectativas no tocante à tarefa de aprender a ler e a escrever, a alfabetização é, sem dúvida, a meta que deve ser alcançada por ela, deixando pais e professores ansiosos.

Não se pode desacreditar no sucesso da criança sadia, que ingressa na escola, já sabendo falar, que reconhece objetos, capaz de executar tarefas que coincidem com sua idade cronológica e cognitiva, porém o que deve ser considerado pela família e pelos professores é que ler e escrever requer da criança novas habilidades, habilidades estas que não faziam parte do seu cotidiano até então.

Como aprender a ler é para a criança enfrentar novos desafios em relação ao conhecimento linguístico, esta tarefa se torna complexa para todas as crianças, sem exceção. O aspecto que diferencia as crianças nesta tarefa é que algumas terão mais dificuldades que as outras.

Varias causas apontam para as dificuldades de leitura, na visão de Condemarin e Marlys (1989), são: problemas emocionais; carência cultural; métodos de aprendizagem defeituosos; alterações no estado sensorial e físico; imaturidade na iniciação da aprendizagem da leitura; incapacidade geral para aprender, sendo estas causas responsáveis por um retardamento secundário na leitura, diferente da dislexia específica que é considerada a causa mais conhecida de dificuldade para a aprendizagem da leitura e da escrita.

"... a dislexia é um termo que se refere às crianças que apresentam sérias dificuldades de leitura e, conseqüentemente de escrita, apesar de seu nível de inteligência ser normal ou estar acima da média. Por outro lado, a criança dislexia não apresenta distúrbios a nível sensorial ou físico, a nível emocional, ou desvantagens socioeconômicas, culturais ou instrucionais, que possam ser causas das dificuldades para aprender a ler." (Morais 1997, p. 94).

A dislexia é uma dificuldade específica na linguagem, onde o indivíduo apresenta uma evolução bastante lenta em relação ao desenvolvimento de leitura e escrita, comparado com outros indivíduos de mesma idade cognitiva e cronológica e para melhor detectar um leitor disléxico é importante observar certas características como: história pessoal; leitura e escrita; alterações de memória e aspectos emocionais, sendo o último considerado o mais complicado para se trabalhar em grupo, devido sua consequência que é a baixa autoestima.

No modo de ver de Condemarin (1989), o sintoma mais marcante de um dislético é o acúmulo e a persistência de seus erros na leitura e na escrita, esta dificuldade para ler persiste até a idade adulta do sujeito. Há uma confusão entre letras, sílabas ou palavras com diferenças sutis de grafia ou com grafia similar, mas diferentes na orientação espacial. As letras que têm um ponto de articulação comum e com sons próximos, também confundem os disléticos. Estes sintomas e outros, no tocante à leitura e a escrita, fazem com que a criança que tem dislexia, obrigue-se a realizar uma leitura muito analítica, isto é, há um esforço significativo para decifrar o material a ser lido e com isto diminui a compreensão leitora e sua velocidade.

Em suma a dislexia é um transtorno contínuo na vida de uma criança, que serão necessários acompanhamentos específicos e frequentes e que acontece em crianças que: não apresentam problemas visuais, auditivos ou motores significativos; com inteligência dentro dos padrões normais; sem problemas emocionais significativos; que sempre estiveram em ambientes escolares e familiares adequados e com boas oportunidades sociais.

Outros transtornos de leitura e escrita que podem ou não virem acompanhados pela dislexia é: a disortografia; a disgrafia e a discalculia. O primeiro está relacionado com: a confusão; a omissão; a inversão; a dificuldade em transcrever letras e palavras, também há um impedimento ao aplicar os aspectos gramaticais como: gênero e número das palavras. Mediante a estas dificuldades existirá como consequência uma compreensão difícil do que se escreve.

O segundo transtorno citado acima, tem haver com a deficiência na qualidade do aspecto gráfico da escrita, sem que sujeito tenha um diagnóstico para qualquer problema físico ou neurológico. Na visão de Ajuriaguerra (1984), as principais características de um portador de disgrafia são: dificuldade em organizar sua escrita no papel; traçado da letra irregular em sua dimensão, com hastes deformadas e anéis empelotados; letras demasiadamente grandes ou pequenas.

3. UM BREVE PANORAMA SOBRE A DISLEXIA

São registrados como resultado de uma precária alfabetização, da forma metodológica utilizada nas escolas que tratam da educação infantil, o despreparo dos profissionais da educação, aluno desatento, rotulação de “burro”, “preguiçoso” e outras variantes mais.

Figueira (2012) analisa que é comum ouvir, quando se trata do tema dislexia, correlacionada com a palavra doença. Atualmente é um termo equivocado, pois na realidade trata-se de uma dificuldade, um distúrbio de ordem congênita hereditária. Como há diferentes níveis de dislexia (leve, moderado e agudo), a duração do acompanhamento profissional não é precisa, podendo atingir até quatro em média, complementa ainda que vale lembrar que tal acompanhamento não visa uma cura, pois não há cura. Trata-se de fornecer meios para que o disléxico possa caminhar com as próprias pernas.

Cândido (2013, p. 13) diz que a:

[...] dislexia é um transtorno de aprendizagem que se caracteriza por dificuldades em ler, interpretar e escrever. Sua causa tem sido pesquisada e várias teorias tentam explicar o porquê da dislexia. Há uma forte tendência que relaciona a origem à genética e a neurobiologia.

De acordo com Fonseca (2011) o conceito básico de dislexia expressa “dificuldade da fala ou da dicção”. Do ponto de vista comportamental, a dislexia distingue-se por dificuldades no reconhecimento correto de palavras e na capacidade de decodificá-las.

Fonseca (2011) ainda enfatiza que na grande maioria das definições, o critério da falta de habilidade no nível fonológico é constante, bem como a dificuldade no reconhecimento de vocábulos.

Segundo Moura (2013):

Os disléxicos recebem informações em uma área diferente do cérebro, portanto o cérebro dos disléxicos é normal. Infelizmente essas informações em áreas diferentes resultam de falhas nas conexões cerebrais. O resultado é que devido a essas falhas no processo de leitura, eles têm dificuldades de aprender a ler, escrever, soletrar, pois é difícil assimilarem as palavras.

Partindo-se de princípios em que a dislexia não é uma doença, que é uma dificuldade e provém de vínculos genéticos, é interessante observar-se outros aspectos que correlacionam a dislexia com relação à aprendizagem.

Neste contexto recorre-se a Figueira (2012) que identifica que dislexia não significa somente dificuldades com as palavras, mas significa uma disfunção linguística. Por isso, defende-se que a dislexia não é, simplesmente, uma dificuldade de aprender as letras, possui dificuldade em identificar e organizar símbolos, ou seja, como ele vai ler se aqueles símbolos não lhe dizem absolutamente nada?

O dislético é uma mente que por vezes supera os ditos “normais”, sendo que necessitam de um tratamento diferenciado, pois suas mentes trabalham de forma diferenciada. Trabalhando de maneira correta, os disléticos funcionam, também, perfeitamente.

Ainda, em se tratando, sobre a forma de tratar o aluno dislético, infelizmente nem os pais e a grande maioria dos profissionais da área da educação não estão preparados para lidar com crianças tidas como disléticas. São muitas as causas que precisam ser corrigidas, no entanto são poucos os profissionais que conhecem e entendem os problemas e suas possíveis correções e soluções.

Por fim, entende-se que necessário se faz caminharem juntos, professores, escola e pais/responsáveis na busca do atendimento da criança dislética e, principalmente que a proposta pedagógica contemple atividades significativas, com contínua dinâmica e que a interação se faça uma constante entre as condições cognitivas do aluno e as intervenções pedagógicas do profissional da área da educação.

4. COMO SE DÁ O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DO DISLÉTICO

Importante deixar registrado já no início deste tópico que o tratamento de uma criança com dislexia não têm cura total, entretanto, vai auxiliar o paciente em relação às suas limitações, oportunizando uma sensível progressão de sua melhoria no processo de aprendizado e ainda, auxilia na perspectiva dos problemas que podem levar a criança sobre a autoestima e sua socialização.

Cândido (2013, p. 17) cita que:

[...] uma criança com dislexia não é portadora de deficiência nem mental, física, auditiva, visual ou múltipla. O dislético, também, não é uma criança de alto risco. Uma criança não é dislética porque teve seu desenvolvimento comprometido em

decorrência de fatores como gestação inadequada, alimentação imprópria ou nascimento prematuro. A dislexia tem um componente genético, exceto em caso de acidente cérebro vascular (AVC).

Sendo, portanto, uma criança disléxica não considerada como “doente grave”, mas o mais importante para o educador é entender, conhecer, diagnosticar e promover ações que levem o estímulo para o desenvolvimento escrito e oral do educando.

Vygotsky (1992) *apud* Brandão (2015, p 16) diz que não é possível pensar na construção da escrita como um processo linear e constante. Durante a aquisição da linguagem oral, a criança também apresenta instabilidades: errando, tentando, manipulando e acertando. Entende-se que são necessárias uma estimulação e participação ativa e a criatividade de imaginação, para que se possa dar espaço para as crianças agirem por conta própria.

Em relação à adoção de alguns métodos, Moura (2013, p. 14) cita que a partir do diagnóstico (ou profissionais) que vai tratá-la. Entre os vários métodos adotados, a Associação Brasileira de Dislexia aconselha a terapia multissensorial, cumulativa e sistemática que trabalha todos os sentidos ao mesmo tempo (como o disléxico assimila facilmente tudo que é vivenciado concretamente, ele pode ser treinado para ler e ouvir, enquanto escreve, por exemplo), o tratamento normalmente é feito por fonoaudiólogos, psicopedagogos e psicólogos especializados no assunto.

Em relação à postura e algumas ações do professor frente à dislexia, Marsili (2010) em primeiro plano o professor necessita estar capacitado e ter conhecimento sobre a Dislexia, o que é e suas causas.

O professor precisa ter calma com este aluno, pois ele será mais lento que os outros, precisando de mais tempo para ele fazer um teste, copiar a matéria do quadro, resolver um problema. Por isso, é necessário usar diversas estratégias para com este aluno para que ele compreenda o conteúdo: usando materiais estimulantes e interessantes, como jogos, histórias, etc., procurando ensiná-lo de forma que ele entenda melhor o conteúdo proposto (MARSILI, 2010).

Giroto (2001, p. 50) *apud* Moura (2013, p. 41) com a devida orientação, o aluno conseguirá ser bem sucedido em classe. O professor pode auxiliar com algumas estratégias para auxiliar o aluno disléxico, abaixo selecionado:

- A criança disléxica deve sentar-se perto do professor, de modo que a mesma possa encorajá-lo a solicitar ajuda;
- Cada ponto deve ser revisto várias vezes;
- Nunca comparar seu trabalho escrito com os colegas;
- Seus conhecimentos devem ser julgados mais pelas respostas orais do que pela escrita o que significa que deverá ser avaliado diariamente;
- Sempre que possível peça a criança para ela repetir várias vezes com suas próprias palavras, o que a professora pediu para ela fazer, pois isso ajuda na memorização;
- Ensinar a criança a “sentir” as letras através de diferentes texturas de materiais;
- Nunca forçar o aluno a aceitar a lição do dia;
- Evitar submeter o aluno a pressão do tempo ou competição com outras crianças;
- Estimular a escrever em linhas alternadas, pois ajudará ao professor a ler uma caligrafia imprecisa e frequentemente amontoada.

Um dos eventos que mais vão ao encontro da criança é trabalhar brincando. Por isso, Fonseca (1999) *apud* (Marsili (2010) cita que as atividades lúdicas são benéficas, pois conseguem o envolvimento do aluno e garantem que os elementos fonológicos necessários sejam inseridos no trabalho que vai ser desenvolvido com cada criança, como: invenção de rimas e palavras, atividades de reconhecimento e utilização de palavras que rimam, mistura e segmentação de sílabas, identificação de fonemas iniciais e ligação de símbolos a sons, jogos de discriminação de vogais, canções com rimas, entre outras atividades.

Portanto, não se esgota aqui as inúmeras ações pedagógicas para serem ministradas em sala de aula, acompanhadas pelos pais e responsáveis, mas é importante para o educador que tenha a consciência de que o estímulo, a criatividade, a perseverança, a dedicação, o cuidado e amor, podem proporcionar ao aluno disléxico situações para serem superadas permitindo assim o alcance de graus variados de conhecimentos.

Para que haja um enfrentamento deste problema dentro do contexto escolar é necessário que a escola tenha ciência e consciência da sua responsabilidade na análise e na observação para com os alunos que apresentem dificuldades e/ou transtornos no quesito leitura e escrita, e, sendo que ao constatar casos de dislexia como a dificuldade elementar da linguagem, deve ser tratada ainda, por profissionais especializados como médicos, fonoaudiólogos, psicólogos, psicopedagogos e ao mesmo tempo, cabe à escola tomar iniciativas que denotem a construção de metodologias em prol do aluno com dislexia, colaborando com este aluno a superar barreiras através de estratégias eficazes em consonância com a contribuição coletiva da instituição escolar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a dislexia é tida como um distúrbio que provocam dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita, produzidas em bases neurológicas, além de fatores genéticos ou adquiridos. Não se caracterizando como uma doença no meio científico.

É fator de estudos científicos que quanto mais cedo for diagnosticada a Dislexia, maiores serão os resultados eficazes dos tratamentos e das estratégias de ações voltadas para este indivíduo. Mesmo com dificuldades de aprendizagem de escrita e de leitura, os disléxicos apresentam um grau de inteligência normal ou até mesmo acima da média.

Para que haja um trabalho pedagógico que se aproxime ao máximo da necessidade do aluno disléxico, é importante que o educador tenha os conhecimentos essenciais para os diagnósticos, para que os diferentes tipos de transtornos de aprendizagem possam ser trabalhados estrategicamente e que a construção do conhecimento também seja motivada precocemente, subsidiando progressos efusivos do educando e na relação de seus familiares.

Fica evidente que cabe ao educador e equipe pedagógica apresentar intervenções que criem situações desafiadoras provocando o interesse pela aprendizagem, esboçando também a oportunidade do desenvolvimento da autonomia do aluno, sua independência e estímulo para a busca de resolução de problema e que saiba lidar com as possibilidades de frustração.

O lúdico, a brincadeira, os jogos educativos podem ser um instrumento de valia para propiciar ao disléxico uma abordagem mais agradável na busca de superações, na melhora do

rendimento escolar, o desenvolvimento da abstração, da criatividade e imaginação, destacando o fator de desenvolvimento da autoestima e do bom equilíbrio emocional e de sociabilidade.

Outro fator de registro é a necessidade da relação afetiva, do desvelo, do cuidado, da boa vontade do professor para que as práticas educativas resultem em efeitos positivos, tendo como ponto de apoio, o respeito e a aceitação da criança como um ser em construção, e, que por fatores inerentes à natureza da criança, necessita de uma atenção mais apurada pelo educador.

REFERÊNCIAS

AJURIAGUERRA, J. A Dislexia em Questão. Porto Alegre, Artes Médicas, 1984.

BRANDÃO, Letícia Peixoto Morais. **Dislexia: Características e Intervenções**. Especialização em Educação Especial e Inclusiva. Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro: RJ. 2015. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/R201671.pdf. Acessado em: 01/01/2018.

CÂNDIDO, Edilde da Conceição. **Psicopedagogia para a dislexia nas séries iniciais do ensino fundamental**. Especialização em Psicopedagogia. Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro: RJ. 2013. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/T208833.pdf. Acesso em: 01/01/2018.

CONDEMARIN, Mabel & MARLYS, B. Dislexia Manual de Leitura Conectiva. Porto Alegre. Artes Médicas, 1989.

FERREIRO, Emília. Reflexões sobre alfabetização. São Paulo: Cortez, 1985.

FIGUEIRA, Guilherme Luiz Mascarenhas. **Um olhar psicopedagógico sobre a dislexia**. Especialização em Psicopedagogia. Universidade Cândido Mendes. Niterói: RJ. 2012. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/N204682.pdf. Acesso em 28/02/2018.

FONSECA, Vitor da. **Introdução às Dificuldades de Aprendizagem**. 2a. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

FONSECA, Rosamaria Maria Reboredo Martins da. **O desenvolvimento da competência linguística na Dislexia.** Especialização em Psicopedagogia Institucional. Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro: RJ. 2011. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/G200735.pdf. Acesso em: 28/02/2018.

MARSILI, Mira Allil. **Dislexia no contexto da aprendizagem.** Especialização em Controladoria e Finanças. Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro: RJ. 2010. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/c205242.pdf. Acesso em: 03/01/2018.

MORAIS, António Manuel Pamplona, 1959. Distúrbios de aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica / António Manuel Pamplona Moraes. São Paulo: EDICON, 1997.

MOURA, Suzana Paula Pedreira Tavares de. **A dislexia e os desafios pedagógicos.** Especialização em Orientação Educacional e Pedagógica. Universidade Cândido Mendes. Niterói: RJ. 2013. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/N205864.pdf. Acesso em: 03/01/2018.